



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10199 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE, NÃO É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO, É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO

Alan Pimenta - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE, NÃO É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO, É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO (TITÃS, 1986)

RESUMO:

Este texto faz parte da busca por criar uma possibilidade metodológica para uma pesquisa de doutorado em finalização que pretende conversar com professores e estudantes de um curso de licenciatura em pedagogia de uma universidade federal do Estado do Rio de Janeiro sobre currículo e escrita acadêmica. Para tal a questão metodológica tornou-se importante na medida em que eleger/criar ferramentas que possibilitem diálogos com experiências e teorias em uma conversa complicada (PINAR, 2012) que são os currículos, com foco nas costuras entre as escritas e formação de professores. Dialogando com três autores e perguntando “que não é, o que não pode ser que, não é o que não pode ser que não é, o que não pode ser que não, é o que não pode ser que não” é metodologia como um *bricoleur* (CERTEAU, 1994) colando as *pistas e indícios* (GINZBURG, 2014) que exercitam a imaginação sociológica (MILLS, 2009).

Palavras-chave: currículo – conversa complicada – metodologia – bricolagem

O que não é (metodologia). O que não pode ser que (não é metodologia). Não é o que não pode ser, ser que não é (metodologia). O que não poder que não, é o que não pode ser que não é (metodologia).

Neste trabalho a tentativa é fugir de uma *produção racionalizada* (CERTEAU, 1994) dos métodos expansionistas e barulhentos. Métodos surdos as pequenas vitórias do *homem ordinário* (CERTEAU, 1994). Certeau (IDEM) falando dos estudos que analisam as imagens difundidas pela televisão e do tempo passado diante do aparelho mostra como essa análise deve ser completada com um estudo do que o consumidor “fabrica” durante essas horas e com essas imagens (p.38).

Pensar uma metodologia de pesquisa, aqui, não é criar ou empregar uma

determinada metodologia. O objetivo é transitar por diversas referências bibliográficas que fornecem indícios e ferramentas metodológicas para que possamos fazer usos delas borrando as fronteiras para fabricar possibilidades. A fabricação aqui é uma produção de usos que possa nos levar a produzir inventar “novas” e “momentâneas” alternativas de análise de nos permitissem diferentes aproximações com a pesquisa (FERRAÇO, 2001, p.92). *Penso em o que não é o que não pode ser que não é* e diante das necessidades impostas pela pesquisa acadêmica busco *maneiras de empregar* (CERTEAU, 1994) os métodos que a ordem acadêmica impõe para uma pesquisa que deseja ser uma tese.

Sem deixar de lado a seriedade de um estudo acadêmico a tentativa aqui é complicar a conversar que fabricamos entre os autores e a pesquisa. Considerando arriscado o caminho procuramos escapar das armadilhas e da tentação de deixar pontas soltas.

Discussões sobre questões metodológicas das pesquisas no/do/com os cotidianos têm sido alvo de Ferraço (2001, 2003, 2007), Oliveira e Alves (2001), Oliveira (2008) e Sússekind e Lontra (2016). Os autores levantam questões e perspectivas metodológicas que buscam valorizar a multiplicidade das lógicas e redes dos sujeitos pesquisados. Buscam “[...]apreender/analisar fragmentos das redes de representações, ações e significados produzidas/compartilhadas por professores e alunos em sala de aula e fora delas[...]”. Para Ferraço (2007) pensar na metodologia de estudos com o cotiando não se trata de fechar a questão com uma proposta sistemática, mais sim de provocar uma abertura para o debate. Sússekind e Lontra inventam metodologias e epistemologias valorizando

“[...]o papel do “outro” nas travessias de (des)formação, compreendendo o outro como legítimo (MATURANA, 1998, p. 27), homem comum, herói anônimo (CERTEAU, 1994) que só encontra a si mesmo no outro, nas redes.” (2016, p.89).

Portanto não pretendemos aqui desenvolver nenhuma perspectiva metodologia inédita. Inspirado pelas referências citadas desejamos quebrar e juntar os cacos de diversas perspectivas metodologias e/ou práticas e juntá-las da maneira que mais se ajusta a pesquisa. Quais peças me servem para criar uma ferramenta que resolva este problema metodológico?

Para responder à pergunta assumimos que

Se estamos incluídos, mergulhados, em nosso objeto, chegando, às vezes, a nos confundir com ele, no lugar d os estu dos "sobre", de fato, acontecem os estudos "com" os cotidianos. Somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. (FERRAÇO, 2001, p.92)

E como destaca Santos “Todo conhecimento é autoconhecimento” (2010) e que a ciência, natural ou social, é subjetiva e, conseqüentemente, autobiográfica.

Por isso o caminho escolhido aqui é de uma bricolagem metodológica com autores que fazem parte da nossa formação como pesquisadores. É um exercício de buscar diálogos entre diferentes metodologias e autores para construir ferramentas que permitam realizar a pesquisa proposta. Acreditamos que para isso primeiro precisamos construir uma postura metodológica, ou seja: compreendermos a tendência que nós como pesquisadores temos de julgar o objeto, campo e sujeitos

de estudo e conseguirmos distinguir o que é desejável ou indesejável. Esse movimento exige assumir que não existe neutralidade em nossas pesquisas e muito menos em nossas atitudes metodológicas. É preciso assumir isso como parte constituinte de uma bricolagem metodológica porque nossas produções não são neutras. Como para escrever textos acadêmicos: ao sentar para escrever “você já fez muitas escolhas, mas provavelmente não sabe quais foram” (BECKER, 2015, p.40). Autor, campo epistêmico se confundem. Assumindo uma postura desobediente e ordinária de fazer *usos* de alguns métodos e o desejo de bricolar autores para justificar nossas escolhas metodológicas, que por sinal é o segundo movimento.

Após assumir a nossa postura metodológica passamos às escolhas metodológicas que mais se adequam a pesquisa, ou seja, escolher/inventar? as ferramentas e os métodos ou parte deles que usaremos na pesquisa. Esse segundo movimento é constante e permeia todo o processo de pesquisa e de escrita pois estamos em movimento, afetando e sendo afetados pelos sujeitos de nossa pesquisa.

Diante dos desafios que um pesquisador encontra para realizar a sua pesquisa, consideramos esses movimentos como de tipo tático. Para Certeau tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível” (1994, p.45). Aqui o pesquisador age como um *bricoleur*, um praticante que usa de diferentes modos os métodos, criando diferentes possibilidades de lidar com a multiplicidade que encontra em sua pesquisa. Astuto “inventa mil maneiras de *caça não autorizada*” (CERTEAU, 1994) fazendo *usos* (IDEM) de diferentes referências e caminhos em suas pesquisas.

Como um *Bricoleur* foram combinados elementos que na busca por fugir do fetiche de métodos e/ou de técnicas específicas que seriam aplicáveis em casos predeterminados. Para isso tomamos como base alguns sociólogos e antropólogos para que possa re-construir ferramentas que possam ser úteis.

Por fim, é importante explicar que não desejamos negar a validade dos métodos e técnicas de pesquisa, queremos pensar com eles como construir uma bricolagem metodológica.

Ginzburg traz a importância de um processo de pesquisa que contém como proposta uma análise centrada nos detalhes, nos dados geralmente negligenciados, marginais. São eles que precisam ser tomados como pistas, indícios, sinais ou vestígios. É o paradigma indiciário.

Wright Mills e a sua ideia de artesanato intelectual e a imaginação sociológica entram nesta bricolagem metodológica para trazer algumas ferramentas importantes para pensar a prática de um pesquisador.

Mills encara a prática do cientista social clássico como um ofício. Na introdução escrita por Celso Furtado para o livro: Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios (2009) escrito por Wright Mills encontro indícios de como a imagem de um ofício será um importante ingrediente metodológico.

Encarar um trabalho de pesquisa como um ofício, assim como o trabalho de professor, coloca a dimensão existencial do pesquisador e do professor como uma das mais importantes. Tanto para sua formação como na prática do seu ofício.

Respeitar a história e subjetividade do pesquisador no processo de pesquisa

e na construção dos métodos, admitindo que: se o pesquisador, que também é sujeito na pesquisa, está em movimento, tudo mais estará.

Ao trazer para construção da prática sociológica a ideia de um ofício, não sendo possível distinguir os limites entre os trabalhos e a vida pessoal, Mills costura de forma indissociável a vida do pesquisador e da pesquisa valorizando a dimensão existencial na formação do pesquisador.

Pensar a prática sociológica como um ofício e sua construção com um artesanato vai se contrapor a visão do cientista social que vai a campo testar hipóteses usando métodos controláveis e leis gerais aplicáveis para todos os tipos de pesquisa.

Nesta perspectiva aprender com suas experiências de vida faz parte do ofício do pesquisador. Já que o conhecimento “é uma escolha tanto de um modo de vida quanto uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida de trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício” (MILLS, 2009, p.22).

Assim como Mills destaca a importância de reconhecermos e pensarmos as nossas metodologias como pesquisadores imersos em nossos campos. Whyte em *Sociedade de Esquina* traz para discussão que tentamos fazer pistas que levam a um aprofundamento da questão do envolvimento do pesquisador e pesquisa/pesquisados. Seu relato no anexo A do livro mostra como se deram os processos de decisões em sua pesquisa, desde a escolha do que pesquisar até a os métodos desenvolvidos para a pesquisa dele, a sua artesanaria intelectual.

Mergulhados no campo dos estudos do currículo, pensar uma metodologia de pesquisa que considere a prática cotidiana dos professores e a conversa complicada (PINAR, 2012) trazendo as experiências de professores e estudantes para nossas pesquisas e metodologias assumindo que parte de tudo isso é uma experiência interna e formativa.

Nesta perspectiva os estudos de Whyte nos ajudam a pensar uma metodologia. O envolvimento de whyte com a social vida do bairro, nas atividades cotidianas, no clube e bares e o fato de ter morado nos fundos de um restaurante de uma família italiana indicam pistas para pensar uma metodologia que afasta a pesquisa de campo do que Marcus chama de *mise-em-scène* malinowskiana clássica, ou seja, afastar o trabalho de campo de

uma tradição comprometida como função documental e uma representação naturalista, impulsionada pela participação e observação distanciadas e disciplinadas dos mundos vitais de outros tomados formalmente como objeto de pesquisa. (MARCUS, 2004, p.134).

Encontramos as pistas para pensar uma metodologia que se afaste da *mise-em-scène* malinowskiana clássica (MARCUS, 2004) quando Whyte ao afirmar que muitos bons estudos falham quando deixam de considerar o pesquisador como sujeito da pesquisa

Nas construções teóricas de Mills e Whyte a forma criativa do uso dos métodos indicam uma possibilidade de construção teórica/metodológica que fuja do fetiche pelo método. Uma ferramenta como a imaginação sociológica e sua

ludicidade nos permite combinar diversas perspectivas. Seguimos as pistas desse esforço quando Whyte questiona os métodos que falham ao não considerar o pesquisador como um ser social ou quando os intercâmbios entre antropologia e artes cênicas dos estudos da Writing Culture de Marcus e Clifford questionam a tradição antropológica com bases em Malinowski dos estudos etnográficos de observação distanciadas e a própria escrita etnográfica.

Conclusão

Os autores aqui explorados fazem parte de um currículo que faz parte da formação de quem escreve. De uma conversa complicada entre formação/pesquisa/prática que nos forma professores. Ginzburg com o paradigma indiciário nos mostra que seguir as pistas é um bom caminho, Mills e Whyte apontam caminhos e ferramentas metodológicas que podemos usar. Por fim é com bricolagem de diversas ferramentas que este texto aponta para possíveis construções metodológicas efêmeras, construídas como um aprendiz de artesão intelectual ou como um “*bricoleur*” que permitam trabalhar e realizar as análises de diversas escritas durante a pesquisa. São relatórios de estágio supervisionado, provas platô, rabisco nos banheiros e escritas livres e conversas com professores que constroem uma conversa complicada (PINAR, 2012) cercada por uma metodologia em constante construção.

Bibliografia:

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B. e -_____, Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes, RJ, DP & A, 2001.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2015.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91-108.

FERRAÇO, C.E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. In: REVISTA DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO. Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 28, n.98, jan/abr.2007.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais, São Paulo, Cia Letras, 2014.

MARCUS, George E. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 47, n. 1, p. 133-158, 2004.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

PINAR, William F. **What is curriculum theory?**. Routledge, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências – 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. Narrativas como travessias curriculares: Sobre alguns usos da pesquisa na1 formação de professores. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 87-108, 2016.

TITÃS. O que. In: Cabeça dinossauro. Gravadora WEA. 1986 LP.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Zahar, 2005.